



A SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO PARA A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO ARTÍSTICO DOS ALUNOS E ALUNAS

WESLEY PADILHA BLANKE¹;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – wesblanke@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em questão foi desenvolvido dentro do grupo de pesquisa PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), no qual atuo como bolsista, vinculado ao projeto “Do Pincel ao Píxel: Sobre as (re)apresentações de Sujeitos/Mundo em Imagens”, que tem como coordenadora a professora Dra. Cláudia Mariza Mattos Brandão.

O PhotoGraphein tem como objetivo propor reflexões acerca das vivências cotidianas e seus imaginários em diferentes contextos, investindo em pesquisas nas quais a linguagem fotográfica está associada aos processos educativos e de formação docente. Ligado a ele, está o projeto “Do Pincel ao Pixel”, que busca, a partir das ideias de Didi-Huberman, Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Phillippe Dubois e Annateresa Fabris, dar visibilidade a discussões interdisciplinares acerca da Imagem, seus meios de produção e circulação.

Figura 1: Registro da mediação



Fonte: acervo do PhotoGraphein

A partir de uma atividade de extensão, na qual eu, junto das minhas colegas, também integrantes do PhotoGraphein, Ana Beatriz Reinoso, Ariadne Silveira Terra, Berenice Knuth Bailfus e Dhara Fernanda Nunes Carrara, realizamos a mediação da exposição virtual “Ficções do Eu” (Figura 1), procurei traçar relações com o artigo “Arte, só na aula de arte?”, da Professora Doutora em Educação Mirian Celeste Ferreira Dias Martins. No texto, a autora busca uma compreensão da educação estética e discorre sobre a mediação cultural e



ampliação do olhar das crianças e dos jovens. Sendo assim, utilizarei termos e ideias atrelados ao referido texto.

Pode-se notar, não somente nas referências artísticas apresentadas por arte/educadores em sala de aula, assim como também no imaginário da sociedade em geral, um apego a exemplos relacionados a obras de arte já muito conhecidas, na maioria das vezes advindas do Renascimento. Esse conservadorismo artístico muito está atrelado ao fato de que, frequentemente, a arte é lida como expressão de beleza, atrelada aos cânones europeus. E é em busca do distanciamento desse padrão de referências artísticas, apostando em uma diversidade maior de obras e representações das histórias da arte, que defendo, com base no conceito defendido pela professora e teórica Mirian Celeste, a importância da nutrição estética.

A nutrição estética resulta em um processo de educação do olhar de jovens e crianças em sala de aula, o que compete na realização de uma curadoria cuidadosa e abrangente, que considere e celebre, também, referências contemporâneas, o que acaba por desagregar-se desse olhar anacrônico perante a arte. Essa curadoria é uma missão dos arte/educadores que passam a assumir o papel de professores-curadores, ao transformarem a sala de aula em uma vitrine artística, em uma exposição pessoal, na qual os alunos e alunas encontrarão obras que ecoarão em seus imaginários e passarão a refletir novas perspectivas acerca da arte.

2. METODOLOGIA

No mês de junho do ano de 2021, nós, pesquisadores do PhotoGraphein, nos reunimos para desenvolver a mediação artística em torno da exposição "Ficções do Eu", da artista Ana Gilbert, que estava disponível para visitação em ambiente virtual vinculado ao Coletivo Engasga Gato, disponível em <https://youtu.be/YiDN3jW-OfA>. As fotografias expostas na mostra abordam temas relacionados ao corpo feminino e suas implicações, e a partir disso, identificamos pautas que poderiam ser discutidas se pensadas em relação à exposição.

Como Mirian Celeste coloca em seu texto, utilizamos dos três conceitos básicos de uma ação mediadora: a nutrição estética, a curadoria educativa e a ação propositora. Selecionei artistas de distintos campos e períodos artísticos e, com muito cuidado, incorporamos seus trabalhos nos diversos temas que catalogamos em relação às obras da exposição, como: estereótipos ligados à mulher na sociedade, a identidade oculta, sensualidade, a normalização do corpo feminino e, também, o ensino.

Sempre oferecendo exemplos de pinturas, instalações, performances e, inclusive, poesias, nos debruçamos sobre essas temáticas a fim de proporcionar diversos meios com que o público pudesse se relacionar com a exposição. Ao final, propomos que as pessoas ali presentes virtualmente enviassem imagens de partes isoladas do seu corpo (de forma a conversar com a proposta da exposição de Ana Gilbert), junto de uma autorização para que usemos futuramente no material didático a ser desenvolvido sobre esta mediação artística.

Buscamos durante toda a experiência da mediação, justamente, nutrir esteticamente o público que estava participando virtualmente da conversa. Tarefa que acontece, também, em sala de aula quando o(a) arte/educador(a) se coloca no papel de professor(a)-curador(a), fornecendo referências às crianças e jovens. Um dos principais objetivos de ações como essa é o de ultrapassar o



conservadorismo estético, que tanto prejudica a compreensão das manifestações artísticas contemporâneas, seus materiais e fazeres. Ou seja, utilizamos o espaço virtual da mediação para colocar em prática algo que acreditamos ser importante para o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes da educação básica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O professor-curador se faz presente em sala de aula desde o momento em que faz a curadoria das imagens que apresentará para seus alunos e alunas, o que implica a decisão sobre o que não mostrará. Sendo assim, acreditamos ser importante nutrir esteticamente o imaginário dos jovens e crianças que ocupam uma sala de aula problematizando o conservadorismo estético e suas implicações para o desenvolvimento do pensamento crítico frente ao visível. Isto é, trazendo para o ambiente escolar amplas referências imagéticas, não somente imagens emblemáticas e significantemente conhecidas do universo artístico, tal como a *Mona Lisa*, de Leonardo Da Vinci, e *A Criação de Adão*, de Michelangelo, por exemplo, que são, sim, obras muito importantes na linha do tempo da história da arte, cujas contribuições para o sistema das artes não podemos ignorar.

Tal conservadorismo estético implica em formar indivíduos que, nutridos somente destas mesmas imagens que já circulam espontaneamente nutrindo os imaginários do senso comum na sociedade, tendem a enfrentar dificuldades em reconhecer e legitimar propostas da arte contemporânea. Alimentar e dar seguimento a essa prática, resulta na falácia amplamente disseminada nos imaginários coletivos de que somente é "bonito" e "belo" tudo que esteja atrelado a essa arte esteticamente conservadora, enquanto as imagens contemporâneas muitas vezes são tidas como "feias" e/ou "inadequadas", equivocadamente considerando a arte como expressão da beleza.

Cabe ao professor-curador ter uma consciência esteticamente diversificada ao selecionar as imagens que problematizará em sala de aula. Realizar essa curadoria educacional, tão importante para alimentar o imaginário de crianças e jovens, está amplamente atrelada à necessidade de revelar e salientar tudo que a arte esteticamente conservadora acaba por negar e/ou esconder. A educação do olhar funciona como uma espécie de "chave", destinada a despertar o interesse desses alunos e alunas que acabarão por procurar e desvendar as diferentes histórias da arte e todas suas nuances estéticas para além de práticas em sala de aula.

4. CONCLUSÕES

A sala de aula é um espaço muito poderoso para a formação cidadã das pessoas, e isso não é novidade. Sendo assim, investir nesse espaço a fim de desenvolver o imaginário do público escolar vai além de ir contra o conservadorismo estético e interromper a associação de arte como expressão de beleza, mais do que isso, ele repercute na autoestima de seus frequentadores, oportunizando ou não a inclusão das diferenças e suas representações, inclusive, artísticas.

Acaba por ser muito comum ouvir em sala de aula uma criança afirmando que "não sabe desenhar", referindo-se ao fato de não executar esboços com traços realistas ou que remetam ao que é tido como uma "arte bonita". E isso, muitas vezes é endossado pelos docentes, que trazem introjetados em si os



mesmos “modelos”, visto que com o tempo, esses jovens deixam de desenhar e podem se tornar professores, retroalimentando um círculo vicioso.

É muito importante enfatizar a arte e o seu papel, não somente no âmbito escolar, pois emblematicamente vivemos numa “civilização das imagens”. Toda e qualquer experiência escolar implica em resultados que reverberam na vida particular dos(as) estudantes e no mundo ao redor, extrapolando os muros das escolas. Por isso, reconhecemos a grande responsabilidade que repousa nos ombros dos arte-educadores (conscientes do alcance de suas ações) que se comprometem a exercer o papel de professores-curadores.

Essa não é uma tarefa fácil para uma classe tão perseguida e censurada, pois tais ações implicam em abordar questões delicadas e profundas. Mas se não defendermos as histórias da arte, de modo a encaminhar reflexões críticas sobre o passado e seus apagamentos, se não acreditarmos em jovens e crianças nutridos esteticamente de forma a libertar seus olhares para além dos pré-conceitos, qual seria o sentido da nossa presença numa sala de aula? Não, a arte não é só para a aula de arte, ela é fundamental para a vida e as (trans)formações sociais tão almejadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, M. C. F. D. Arte, só na aula de arte? **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011

PHOTOGRAPEIN NÚCLEO DE PESQUISA. **Mediação da Exposição "Ficções do Eu", de Ana Gilbert | 09/06/2021.** 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/YiDN3jW-OfA>>. Acesso em: 06 ago. 2021.